

pensando cultura



VINICIUS COIMBRA/DIVULGAÇÃO/JC

Morte em Veneza cumpre temporada no Teatro Simões Lopes Neto nesta quinta e sexta-feira

Roberto Cordovani em espetáculo que espelha dilemas contemporâneos

Adriana Lampert

Espectáculo teatral estrelado por Roberto Cordovani (que marcou o público como o vilão Sebastião da novela *Novo Mundo*, da Rede Globo), *Morte em Veneza* chega ao Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) no Multipalco Eva Sopher, para apresentações nesta quinta-feira e na sexta, sempre às 20h. Fruto de uma colaboração íntima e meticulosa entre o ator e o diretor Vinícius Coimbra, a peça é uma adaptação do clássico homônimo do autor alemão Thomas Mann (1875 - 1955), que espelha dilemas contemporâneos como solidão, etarismo, negacionismo, crises sanitárias e repressão identitária. Os ingressos custam R\$ 80,00 (meia-entrada) e R\$ 160,00 (inteira) e estão à venda no site do Teatro São Pedro.

A trama narra a história de Gustav von Aschenbach, um escritor de Munique, viúvo e pai de uma jovem que mora em Berlim. Cansado da monotonia de sua rotina, ele resolve tirar férias em Veneza, na Itália, em maio de 1911. O protagonista (interpretado por Cordovani) se hospeda em um hotel de luxo e acaba se encantando pelo jovem Tadzio, de 19 anos, cuja beleza o deixa obcecado. Cordovani diz que aborda essa “obsessão” não apenas como um desejo físico, mas como uma idealização estética e existencial que beira o espiritual. O ator descreve que seu personagem enxerga Tadzio como uma figura

quase divina, uma “escultura grega”, que desperta no protagonista uma cegueira apaixonada e uma vontade de romper com toda a sua vida anterior. “À primeira vista, poderíamos classificar a obra como uma história homoafetiva. No entanto, muitas outras questões vão além da sexualidade do protagonista, como a redescoberta pelas alegrias da vida e a ideia fixa do escritor na busca pelo belo. São múltiplas interpretações que a gente leva para o palco, como a de Aschenbach se dando conta de que não viveu metade daquilo que está descobrindo”, reflete o artista, destacando que a obra investiga como as pessoas ainda vivem em função de agradar o outro antes de se perguntarem o que é melhor para si mesmas. “Outra questão é a ligação com a aceitação da própria finitude, diante da peste de cólera que ocorreu em 1912, além de uma reflexão sobre a solidão que habita em nós. É um reconhecimento das lacunas que cada ser humano tem dentro de si e que pode morrer feliz.”

Cordovani conta que o processo de transposição da obra de Thomas Mann (Nobel de Literatura) para o palco foi um exercício de lapidação: o texto inicial de 80 páginas foi reduzido, após cerca de 70 revisões, para apenas 16 páginas. “Toda a estrutura e os diálogos do livro estão lá, só tiramos o excesso de narrativa e a verbosidade típica da literatura. Para quem leu o livro e tem curiosidade de assistir a obra no teatro,

está tudo no palco”, explica o ator, ressaltando que “o que deixou de ser dito em palavras transmutou-se em imagens e sons”.

A encenação assume um caráter cinematográfico, apoiada em um acervo de fotos inéditas de Veneza daquela época e em uma trilha sonora assinada por Sacha Ambach, que evoca a mesma atmosfera da *Sinfonia nº 5* de Gustav Mahler (1901-1902), utilizada no clássico filme de Luchino Visconti (*Morte em Veneza*, 1971). “É uma trilha paradisíaca misturada com sons de navios, gôndolas e feirantes italianos que gritam; muitas coisas não são ditas, estão gravadas no pensamento do Aschenbach”, observa o intérprete. Em cena, ele está sozinho fisicamente, mas cercado por vozes gravadas e projeções de Tadzio, interpretado pelo ator Guilherme Cabral. “Tadzio ficou no meu imaginário, ele é a cegueira para mim. Ele não tem uma forma física no palco, mas a emoção me pega mesmo assim”, confessa Cordovani.

A ambientação na Veneza de 1911 também serve como um espelho provocativo para os dias atuais, especialmente no que diz respeito ao negacionismo e às aparências, traçando um paralelo direto entre a peste de cólera da época e a história recente. “O texto fala do quanto as autoridades locais camuflavam a peste, para que o turismo não fosse abalado; assim como o protagonista aceita ser contaminado pela doença, porque Tadzio não vai embora da

cidade; situações semelhantes ao período da pandemia de Covid-19, quando políticos negaram o que estava ocorrendo”. Além da crise sanitária, a peça discute o etarismo e o sofrimento de quem vive para agradar os outros. “Aschenbach chega ao fim quase como um *clown*, passando *rouge* e tinta na face; naquela época os homens se maquiavam para rejuvenescer, assim como muitas pessoas hoje até morrem em mesa de operação cirúrgica, fazem botox etc.”

Já o figurino de Reinaldo Machado e o cenário de Karrys Aldalbalde sublinham a transformação interna do protagonista. Aschenbach inicia a peça com a rigidez germânica de um fidalgo, vestido em tons escuros e terno impecável, mas, ao chegar à Itália, sua armadura começa a ceder. O cinza dá lugar ao branco, ao creme e ao chapéu Panamá, revelando um homem que se “italianizou” enquanto a cidade apodrece sob a epidemia de cólera.

O ator pontua que a montagem é, acima de tudo, um mergulho em um ‘armário’ existencial e na solidão humana. Cordovani destaca que a peça toca em temas latentes como o preconceito e a repressão, lembrando que o próprio Thomas Mann enfrentou tragédias familiares ligadas à sexualidade de seus filhos. Para o ator, a morte de Aschenbach “não é um fim trágico, mas um elemento de libertação, uma excitação pelo novo que permite o encontro eterno com o belo”. Segundo ele, essa densidade provoca um fenô-

meno raro nas plateias: o silêncio absoluto após o fechamento das cortinas. “Nas primeiras apresentações, quando terminava, ninguém aplaudia de imediato, ficavam todos ainda impactados. As pessoas demoravam para voltar à realidade, era quase uma sessão de terapia. Passei a colocar a palavra ‘fim’ no telão para que após a catarse viessem os aplausos”, revela. Com uma fonte real em cena que traz o som da água e o frescor de Veneza, o espetáculo promete ainda ser uma experiência sensorial onde o público não é apenas espectador, mas cúmplice de uma jornada de autodescoberta que prova que, “no limite da existência, é possível finalmente morrer feliz”.



VINICIUS COIMBRA/DIVULGAÇÃO/JC

“De início, ninguém aplaudia no final”